

Isto, isso e tanto
Tanto foi isso dito
Há tanto tempo sendo dito
E ocorre sempre mal dito

Por que a busca de um título culmina em desenhar uma frase como ela fosse um poema? Adianto, não é por qualquer gosto pelo acessório, a economia que me enche os olhos é a monástica: vive do essencial. O imã é outro. Este, que nem ponto tem, sugere uma suficiência cabal, como não coubesse nada a acrescentar. É fato resolvido, pronto e de bom tamanho. Não seria perfeito se pudéssemos dizer as coisas assim, sempre assim, encerrando o dizer em um ponto que se estanca como o preciso; aqui ao fim da quarta linha, na amplitude deste término que não requisita qualquer sinal de fechamento?

Mas quem entenderia? O que haveria para se fazer entender? Haveria de ser um dito a se alinhar na ordem de um dizer que diz unicamente de si mesmo – e sem o mesmo apuro destes tantos outros que exatamente procuram isso. O jogo que se quer jogar tem pretensões mais pobres e uma pequenez bem maior que aquele que se apruma sob a precisão da afiada língua poética. Aqui a falta é sempre e tão somente a falta. Não bastasse tanto, nele a falta é sempre a maior vastidão. Para lá de todo o dito é a ausência que margeia e reina. A maneira deste começo se origina da inveja. O que suscita esta cobiça é o modo como se comportam as coisas que aqui são mostradas. Exibem-se redondamente simples e absolutamente definitivas. Não há como não almejar as mesmas qualidades. Ainda mais quando concernem a um feixe de complexas disposições. Quem não sonha alinhar estes fundamentos? Quem não quer manter correspondência com valores desta ordem? O “desenho” deste título – essa pretensão em dançar como um poema – rabisca deste ponto. Deseja agarrar as mesmas propriedades dos desenhos que aqui estão. Ambiciona experimentar domínios os quais se sabe de antemão que não é possível provar. Não neste lugar. O verdadeiro território desta acanhada ambição tem anseios curtos e jamais apronta uma eloquência tão sobeja que seja capaz de dispor até para a falta a capacidade em causar significações. O silêncio na poesia é falador. Enquanto isso a fala prosaica precisa sempre de

maior espaço. Carece sempre de maior tamanho. Quanto maior a complexidade, maior número de voltas. Voltas e dobras que nunca se fecham. As inscrições e as descrições vão se alongando e a carência permanece no encaixe. Nestas hostes a escassez só deixa o dito vago: deixa no dito uma área vaga que não cessa em reclamar uma terminação. O jeito é seguir em frente, correndo atrás da prosa ordinária que nunca saberá fazer a sua própria suficiência.

Será? Será que essa é a única possibilidade? Desta vez não. Há vários anos, em uma de suas exposições, que ocorreu exatamente nesta galeria, o artista Waltércio Caldas gravou na página inicial do livro de assinaturas a seguinte escritura: “Só uma imagem é capaz de enfrentar outra imagem”. Acolho a tese e procuro responder, ainda que falante aprendiz, a todas as coisas que aqui se encontram e as suas tantas volúpias recorrendo ao mesmo verbo que elas requisitam para se dizer. Sejam bem vindos e uma boa estada a todos.

“Anônimo” Silveira.